

UMA DISCUSSÃO DIALÓGICA SOBRE GÊNERO E NÃO BINARIDADE NA PSICOLOGIA ANALÍTICA

ANTONIO CARLOS LA GAMBA PAJOLI

RESUMO: Este artigo procura ressaltar a importância da discussão sobre gênero na atualidade, traçando alguns paralelos com conceitos da Psicologia Analítica.

ABSTRACT: This article seeks to highlight the importance of the discussion on gender today, drawing some parallels with concepts from Analytical Psychology.

Este artigo é um convite para o diálogo de gênero. São ideias iniciais que decidi reunir, a partir de minhas leituras como iniciante nos estudos da Psicologia Analítica. Mais do que um apanhado de ideias e conceitos que encontrei em meus estudos, é um convite para o aprofundamento no tema, que considero importante para a sociedade contemporânea, na medida em que pode contribuir para a inclusão, o respeito e a igualdade de tratamento das pessoas, independentemente de sua identidade de gênero.

A diversidade de gênero desafia os tradicionais conceitos binários de masculino e feminino. Se, por um lado, essa diversidade de gênero pode contribuir para a aceitação de diferenças, por outro, infelizmente não são raros os episódios em que expressões das diferenças resultam em preconceito e violência.

Segundo a Organização Mundial da Saúde,

várias pessoas do mundo são estigmatizadas e discriminadas devido a sua real ou pressuposta orientação sexual ou identidade de gênero. Entre outras disparidades, pessoas lésbicas, gays e transgênero são significativamente mais propensas do que a população em geral a serem sujeitadas a violência e abuso, contrair HIV e estar vulneráveis a questões de saúde mental, como depressão e suicídio (OMS, 2020, p. 38)

Em uma sociedade heteronormativa, a maioria das pessoas - que se identifica como heterossexual - passa a ver o mundo sob essa perspectiva. Assim, essa sociedade se torna excludente em relação às pessoas que, pela sua atitude, comportamento ou preferências sexuais, não se enquadram naquele contexto.

A exclusão social de um indivíduo, cujo comportamento foge dos padrões binários, pode gerar isolamento, sofrimento psíquico, ansiedade, depressão e outras doenças psíquicas. Isso sem considerar também a violência e agressão física a que muitas pessoas são expostas em contextos de preconceito e discriminação.

Ao se confrontar consigo mesmo, na descoberta e desenvolvimento da sexualidade, o ser humano pode se ver diante de dúvidas, como:

- Por que sou gay?
- O que quer dizer não binário?
- Por que sinto atração por determinado tipo de pessoas?
- Ser gay tem origem genética?
- De onde vem o meu desejo por pessoas do mesmo sexo?
- Ser gay é normal?

Os conflitos pessoais relacionados ao gênero e à sexualidade podem estar associados à forma como a pessoa se apresenta socialmente. Assim, por exemplo, expressar a homossexualidade em um contexto heteronormativo binário pode gerar medo de reprovação, vergonha, ansiedade e outras formas de sofrimento psíquico.

Muito embora Jung tenha vivido em um contexto heteronormativo branco e elitista da Suíça do século XX, ele não deixou de ponderar sobre algumas questões que estamos discutindo na sociedade atual, com relação à homossexualidade:

À medida que cresce, o jovem deve poder libertar-se do fascínio pela anima, exercido sobre ele pela mãe. Há, no entanto, exceções, especialmente no caso de artistas, onde o problema se coloca frequentemente de modo bastante diferente; o mesmo se dá com o homossexualismo que em geral se caracteriza por uma identificação com a anima. Em vista da conhecida frequência deste último fenômeno, concebê-lo como uma perversão patológica é extremamente questionável. Segundo as descobertas da psicologia, trata-se mais de um desligamento incompleto do arquétipo hermafrodita, unido a uma resistência expressa a identificar-se com o papel de um ser sexual unilateral. Uma tal disposição não deve ser julgada sempre como negativa, posto que conserva o tipo humano originário que, de certa maneira, se perde no ser sexualmente unilateral. (Jung, 2019b, p. 203)

Sabidamente, Jung antecipou muito do que estamos discutindo hoje, quando nos referimos à resistência à binaridade, que aparece entre os mais jovens e todos aqueles que adotam uma forma de expressão diversa daquilo que Jung chamou de “ser sexual unilateral”, e que assim abraçam a simples expressão do que é humano, “originário” como diria Jung, ou simplesmente “livre”.

As gerações mais jovens vivenciam um maior espectro de possibilidades para o gênero; por isso, as classificações se tornam mais abrangentes e diversas. A geração Z, aquela dos nascidos entre meados da década de 1990 e meados da

década de 2010, cresceu em uma época de avanço tecnológico e conseqüentemente maior acesso à informação. Normalmente, a geração Z tem uma atitude mais aberta para a diversidade de gênero do que as gerações anteriores.

Segundo Lisa Diamond, professora de psicologia e estudos de gênero na Universidade de Utah, Estados Unidos, cujo estudo é mencionado no artigo de Jessica Klein:

as redes sociais e a internet têm influenciado como alguns jovens estão vendo a binaridade de gênero. Os jovens, agora, têm acesso a informações sobre identidade e expressão de gênero que as gerações anteriores não tinham. Para muita gente com mais de 50 anos de idade, a mídia tradicional normalmente mostrou as identidades de gênero como binárias. Para alguns entrevistados da Geração Z, as comunidades digitais introduziram novos conceitos e terminologias sobre gênero, e facilitaram novos diálogos.” (Klein, 2023)

Entre as minhas leituras sobre gênero, destaco o livro “Indietro non si torna”, escrito por Monica J. Romano, a primeira mulher trans eleita para uma posição importante na política italiana, como membro do Conselho Municipal de Milão. A sua trajetória no ativismo político sobre os direitos das pessoas LGBTQIA+, desde a década de 70 até sua atual participação política, vem acompanhada de uma narrativa dos desafios e conquistas num país que, ainda hoje, é um dos líderes na Europa em violência e ataques transfóbicos.

Tomo esse livro como ponto de partida para apresentar, brevemente, alguns conceitos relativos a gênero.

Sexo biológico

O sexo biológico é o pertencimento do indivíduo ao sexo masculino ou feminino, em nível biológico, cromossômico e hormonal. O sexo biológico pode ser masculino ou feminino, exceção feita a um percentual que vai até 1,7 por cento da população mundial, que apresenta características intersexuais, isto é, variações cromossômicas, gonadais (ovárica e testicular), hormonais, na genitália externa ou características sexuais secundárias.” (Romano, 2023, p. 63)

Gênero

De acordo com o escritório europeu da Organização Mundial da Saúde, mencionado no artigo de Jessica Klein:

gênero é uma construção social, que inclui normas, comportamentos e papéis associados com ser mulher, homem, menina ou menino. Isso é diferente do sexo, que

tem 'uma base biológica e psicológica, e se refere a características como cromossomos, hormônios e órgãos reprodutores para pessoas masculinas, femininas e intersexuais. (Klein, 2023)

Identidade de gênero

A identidade de gênero corresponde ao gênero com o qual uma pessoa se identifica primariamente. Indica, por exemplo, se uma pessoa se percebe interiormente como masculina ou feminina ou conforme outras declinações de gênero possíveis em um dado contexto cultural. (Romano, 2023, p. 64)

Determinada pessoa pode, ao longo de seu desenvolvimento, identificar-se com o gênero masculino, feminino ou outros gêneros. Essa identificação acontece em meio a imposições sociais que, num contexto heteronormativo, podem causar conflito e sofrimento àquelas pessoas que não se enquadram nem se expressam conforme os padrões binários.

Não há homem algum tão exclusivamente masculino que não possua em si algo de feminino. O fato é que precisamente os homens muito masculinos possuem (se bem que oculta e bem guardada) uma vida afetiva muito delicada, que muitas vezes é injustamente tida como "feminina". O homem considera uma virtude reprimir da melhor maneira possível seus traços femininos. (Jung, 2019a, p. 117)

Orientação sexual

A orientação sexual está relacionada à atração emocional e ao desejo sexual, que podem acontecer em relação ao mesmo sexo, ao sexo oposto, aos dois sexos e aos diversos tipos de identidade de gênero.

A orientação sexual e/ou afetiva responde às seguintes perguntas:

- De quem eu gosto?
- Quem me atrai sexualmente?
- Quais características sexuais tem a pessoa de quem eu gosto?
- Quais características sexuais tem a pessoa com a qual, me relacionando, terei maior satisfação em nível sexual, afetivo e romântico? (Romano, 2023, p. 66)

Expressão de gênero

A expressão de gênero está relacionada ao modo pelo qual a pessoa é vista cultural e socialmente. Por isso, deve ser vista em relação ao local, época e costumes. A própria vestimenta, maquiagem, acessórios podem ser símbolos de uma identificação da pessoa com o gênero masculino, feminino ou outros gêneros.

Os conceitos de identidade, expressão e orientação sexual estão relacionados à forma como a pessoa é percebida em sua convivência social.

Segundo Jung,

A persona é um complicado sistema de relação entre a consciência individual e a sociedade; é uma espécie de máscara destinada, por um lado, a produzir um determinado efeito sobre os outros e por outro lado a ocultar a verdadeira natureza do indivíduo.” (Jung, 2019a, p. 122)

Alguém pode, por exemplo, construir uma imagem social diferente de seus verdadeiros sentimentos e desejos. E assim, viver de uma forma fragmentada, apresentando-se com uma ou mais máscaras, conforme o contexto. Esses conflitos podem gerar insegurança, medo, rejeição e diversas implicações psicológicas.

A sigla da diversidade

Não há um consenso sobre qual sigla utilizar, mas LGBT, LGBT+ e LGBTQIA+ figuram como mais recorrentes. Essa sigla é atualmente associada à diversidade de identidade de gênero e orientação sexual. Segue abaixo um resumo da sigla, extraído do artigo de Ketrin Carvalho. Observo que os termos cisgênero e transgênero são utilizados, respectivamente, quando a identidade de gênero corresponde, ou não, ao sexo atribuído no nascimento.:

“L – Lésbicas – Mulheres, cis ou trans, que se relacionam sexualmente / afetivamente com mulheres, cis ou trans.

G -- Gays – Homens, cis ou trans, que se interessam por outros homens, cis ou trans.

B – A bissexualidade é uma orientação sexual cuja característica central é a atração sexual e/ou afetiva por ambos os gêneros, o que difere um pouco do pansexual, que acopla todas as expressões de gênero, inclusive as que não se encaixam dentro do binarismo.

T – Trans é uma identidade de gênero. Quando uma pessoa não se identifica com o gênero de seu nascimento e, nesse sentido, decide adequá-lo à forma como se enxerga no mundo.

Q – Queer – É quando o sujeito não corresponde ao que muita gente entende por 'heteronormatividade', e transita por gêneros diferentes. Anteriormente, eram tidos como 'pervertidos', a denominação foi ressignificada e hoje traz todos que não se encaixam no padrão vigente da sociedade.

Heteronormatividade seria um conceito para explicar pessoas que se encaixam dentro do que é considerado o normativo no tecido social.

I – Intersexual – Basicamente, sujeitos que nasceram com uma anatomia reprodutiva e sexual e/ou um padrão de cromossomos que não se ajusta às definições típicas do feminino ou masculino. Para ser superpopular, muitos entendem ainda por 'hermafrodita'.

P – Pansexual – A palavra que tem origem grega, significa tudo ou todos. Para nós, lusófonos, é basicamente gostar afetivamente e/ou sexualmente de qualquer pessoa, desde que haja consentimento. Em síntese, o pansexual não se preocupa com a identidade de gênero ou orientação sexual do eleito, o que inclui pessoas não-binárias (que não se encaixam no binarismo, o feminino e masculino – ou transitam entre os gêneros).

D- Demissexual – Esta expressão da sexualidade designa o sujeito que necessita de envolvimento emocional para se entregar ao parceiro. O demissexual erotiza o envolvimento mais intenso, magnetismo e a intimidade psíquica.

+ O Mais nos sinaliza que, quando o assunto é o outro, novas expressões de gênero podem surgir.” (Carvalho, 2021)

As classificações são generalizações. Cada pessoa é única, com características, comportamentos e perspectivas individuais. Antes de qualquer letra para uma identificação de gênero, deve-se olhar para o ser humano, em seu processo de individuação. Segundo Jung, "é importante para a meta da individuação, isto é, da

realização do si mesmo, que o indivíduo aprenda a distinguir entre o que parece ser para si mesmo e o que é para os outros.” (Jung, 2019a, p. 125)

Além disso, as definições e classificações de gênero sobre as quais falamos acima são criadas em um determinado contexto cultural. Existem em função de uma realidade social e histórica.

Existe um contraponto na sociedade contemporânea, pois se por um lado aumenta a informação e a discussão sobre novas formas de expressão de gênero e de relacionamentos afetivos, por outro, situações de preconceito e violência ainda são frequentes e muitas vezes carentes de proteção legal e punição.

Destacando a importância da psicoterapia, Emma Jung escreveu uma frase atemporal que bem pode se referir à atualidade:

Na nossa época, em que poderes dissociativos estão ativos de forma tão ameaçadora, dividindo povos, pessoas e átomos, é duplamente necessário que os poderes de ligação e união também possam entrar em ação; pois a vida está baseada na combinação harmônica das energias masculinas e femininas também no interior do indivíduo. Produzir a união desses contrários é uma das tarefas mais importantes da psicoterapia atual. (Emma Jung, 2020, página 121)

Esse trecho da obra de Emma Jung nos faz refletir sobre o desafio de buscar respeito pela diversidade de gênero em uma sociedade fragmentada e marcada pela desigualdade, preconceito e violência. Por outro lado, nos motiva para as possibilidades que a Psicologia Analítica oferece para o fortalecimento do ser humano em sua busca de um caminho único e livre para viver sua sexualidade.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, K., *Qual o correto: LGBT ou LGBTQIA+? Não há uma uniformidade sobre ter que usar LGBTQIA+*, 2021. Disponível em: <https://observatorioq.bol.uol.com.br/noticias/comportamento/qual-o-correto-lgbt-ou-lgbtqia>

JUNC, C. G., *Aspectos do Feminino*, Petrópolis, RJ: Vozes, 2019a.

JUNC, C. G., *Aspectos do Masculino*, Petrópolis, RJ: Vozes, 2019b.

JUNG, E., *Animus e anima: uma introdução à psicologia analítica sobre os arquétipos do masculino e feminino inconscientes*. 2ª ed. São Paulo: Ed. Cultrix, 2020.

KLEIN, J. *How some young people are shaking off gender binaries*. Disponível em www.bbc.com/worklife/article/20230327-how-young-people-are-shaking-off-gender-binaries acessado em 2023.

ROMANO, M. J., *Indietro non si torna – Il lungo cammino dei diritti civili delle persone LGBT+ in Italia. Una storia personale, una battaglia politica*, 1ª ed. TEA – Tascabili degli Editori Associati. 2023.

Saúde sexual, direitos humanos e a lei [e-book] / Organização Mundial da Saúde, 2020. Disponível em: Saúde-Sexual-Direitos-Humanos-e-a-Lei_versao17Jul2020-1.pdf (abrasco.org.br)